

cristas ou bossas. As superfícies de contato são lisas ou "polidas", podendo conter estrias finas ou sulcos orientados entre N10°E-N20°W (magnético), paralelamente ao eixo aparente das estruturas.

Os arenitos são compactos e exibem deformações (dobras e falhas) e estruturas de cisalhamento, em especial, junto ao topo. Fragmentos de arenitos podem apresentar-se circunscritos por diamictitos na base destes. Os diamictitos podem ainda ocorrer preenchendo fendas no embasamento.

c) Estruturas de canal amplas, preenchidas por arenito, cortando os diamictitos.

d) Estrutura maciça nos diamictitos, passando por transição, a laminitos de arenito e diamictito, exibindo dobras deitadas/recumbentes, ou caóticas e falhas.

e) Cristas de arenito compacto, com estratificação cruzada de marcas ondulares e marcas ondulares migrantes, revestidas lateralmente por cunhas de diamictito, por sua vez superpostos, discordantemente, por diamictito estratificado, com numerosas intercalações deformadas (dobradas e falhadas) de arenito.

Os diamictitos com contatos inferiores bruscos e cisalhados, polidos e estriados são interpretados como tilitos basais. Sua associação com deformações geometricamente similares a involuções, ou crioturbações, feições típicas de "permafrost", sugere ambiente de deposição terrestre. As falhas normais e inversas podem evidenciar a deposição dos arenitos em posição adjacente a massas de gelo.

Os diamictitos estratificados e contendo dobras e falhas corresponderiam a tilitos de fluxo, aparentemente raros ao longo da seção examinada. As cristas de arenito com marcas ondulares, estratigraficamente associadas a folhelhos marinhos, por sua vez, assemelham-se às descrições de depósitos fluvioglaciais subaquáticos do Pleistoceno, sendo localmente recobertas por tilito basal e tilito de fluxo. — (8 de novembro de 1983).

PALINOLOGIA DE AMOSTRAS DA BACIA DO BONFIM, TERCIÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL — MURILO R. DE LIMA E RODOLFO DINO, credenciados por A. C. ROCHA-CAMPOS — *Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo e Instituto de Pesquisas Tecnológicas, São Paulo, SP* — Embora frequentemente mencionada na literatura geológica, a Bacia do Bonfim (conhecida também como "Linhito de Caçapava") é, até os dias atuais, muito pouco conhecida sob o ponto de vista geológico. Entre os pontos de interesse que permanecem obscuros, destacam-se a idade e gênese da sequência sedimentar. O trabalho ora apresentado pretende preencher algumas das lacunas de informação existentes, através da análise palinológica de seus sedimentos.

Três amostras representativas de diferentes litologias da bacia foram estudadas qualitativa e quantitativamente, fornecendo resultados interessantes. Trinta e nove espécies de palinóforos e um escolecodonte foram encontrados.

A partir da análise das associações, uma idade eocênica pode ser estabelecida para os níveis portadores, depositados seguramente em condições não marinhas.

A idade atribuída, embora não permita conclusões definitivas a respeito da gênese da bacia, inviabiliza a correlação normalmente efetuada com sedimentos da parte superior da Formação Tremembé, unidade estratigráfica pertencente à vizinha Bacia de Taubaté. — (8 de novembro de 1983).

MOSAICO GEOTECTÔNICO DO BRASIL NO ARQUEANO E PROTEROZOICO — COLOMBO C. G. TASSINARI, WILSON TEIXEIRA E OSWALDO SIGA JR., credenciados por A. C. ROCHA-CAMPOS — *Radam Brasil e Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP* — Este trabalho objetiva sintetizar o padrão geocronológico do território brasileiro no Arqueano e no Proterozóico, com base nos resultados obtidos nos últimos dez anos de atividades do Projeto RADAMBRASIL, no Centro de Pesquisas Geocronológicas da USP. Tentativamente, é feita uma associação destes resultados com as grandes entidades geotectônicas que compõem a área estudada, além de um posicionamento no tempo geológico.

Idades arqueanas são características, no momento, para as seguintes áreas:

- Serra do Tapirapé, Carajás e Inajá (provincia Amazônica Central);
- Núcleo de embasamento nos metassedimentos do Grupo Estrondo (região da Colméia);
- Região do Rio Cupixi (Amapá);
- Terrenos granito-"greenstone" (Complexo Goiano);
- Proximidades de Jauru (Estado do Mato Grosso);
- Terrenos granítico-gnáissicos, Complexo de Bação e rochas do Supergrupo Rio das Velhas (porção meridional do Craton do São Francisco);
- Regiões de Mutuípe e Jequié (porção central do Craton do São Francisco);
- Núcleos de Tróia e Cacimba de Dentro (no nordeste);
- Craton de Luiz Alves e Maciço de Itapins (no sudeste).

Tais regiões constituíam, no Arqueano, fragmentos cratônicos, cujas posições relativas no espaço não eram as mesmas que hoje ocupam.

Durante o ciclo Transamazônico, ocorreram importantes acreções continentais, bem como, retrabalhamentos crustais, afetando as regiões da faixa móvel Maroni-Itacaiúnas. Tiveram lugar, nesta época, episódios de intensa granitização, como revelam datações no Amapá, no Craton do São Luiz, nos maciços da Granja e Troia (no nordeste), nos domínios do Complexo Presidente Juscelino em Caicó. Dentro do Craton do São Francisco, no Complexo Caraíba-Paramirim acham-se também tais registros, assim como na região de Guaxupé, no Grupo Paraíba do Sul, Complexo Serra Negra, em parte do Craton de Luis Alves, do Maciço de Itatins e do Escudo Sul Rio Grandense.

Devemos enfatizar a existência de uma faixa de acreção continental, aqui denominada de zona móvel Januária-Almas, que se estende entre as cidades homônimas, desenvolvida naquele período de tempo, entre a borda oeste do Craton do São Francisco e a borda nordeste do Complexo Goiano. A distribuição das extensas coberturas do Grupo Bambuí e do Grupo Urucua demonstram ser esta região uma clara zona de fraqueza, onde as forças geradas no manto encontram resposta aos seus pulsos, gerando na crosta movimentos de ascensão e de subsidência.

Entre 1750-1450 MA, desenvolveu-se um superevento de acreção e diferenciação continental, chamado de Rio Negro-Juruena, que formou rochas na porção oeste do Craton Amazônico. Tal padrão de idade ocorre também, nas regiões do Rio Apa, Guaxupé, em meio ao Craton do São Francisco (granitóide São Timóteo), e no maciço de Granja (nordeste ocidental).

O metamorfismo Uruçuano, ou Espinhaço encontra-se bem impresso nas rochas supracrustais que constituem as faixas Araguaia, Espinhaço e Paramirim. Os Grupos Araxá e Setuva guardam também estes registros, bem como ao longo da faixa Rondoniana, onde houve retrabalhamento e formação generalizada de rochas. De outra parte, cabe ressaltar que recentes dados, obtidos pelo *Projeto RADAMBRASIL*, indicaram idades Uruçuanas para o metamorfismo que afetou o grupo Salgueiro, no norte do Estado da Bahia, caracterizando mais outro domínio com este padrão radiométrico.

O ciclo Brasileiro teve importante atuação na porção leste do Brasil, sendo basicamente um evento térmico e de granitização. Entretanto, no interior do Complexo Goiano e da Faixa Atlântica, encontram-se focos de formação de rochas de médio a alto grau que constituem zonas onde o evento Brasileiro teve maior intensidade. — (8 de novembro de 1983).

ESTUDOS DE PALEONUTRIÇÃO EM SÍTIOS-SOBRE-DUNA DA FASE ITAIPU, RJ — SHEILA MARIA FERRAZ MENDONÇA DE SOUZA, CRISTINA SALGADO SCHRAMM, CRISTINA COSTA DE MIRANDA E RUBENS SILVA SANTOS — Centro de Estudos e Pesquisas em Arqueologia Analítica, Instituto Superior de Cultura Brasileira e Setor de Ictiologia, Departamento de Biologia Animal e Vegetal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ — O sítio-sobre-duna Colônia de Pesca vem sendo pesquisado pelo Instituto Superior de Cultura Brasileira desde 1978, já tendo sido motivo de comunicações a congressos e simpósios especializados, oportunidades em que se destacou a tentativa de aprimoramento metodológico que se tem buscado para este sítio, visando obter, não só melhor conhecimento dos restos biológicos, muito mal preservados neste gênero de depósitos, como fornecer maiores subsídios ao estudo de outros sítios de pescadores-recoletores do litoral.

A presente comunicação, portanto, destina-se a acrescentar às informações anteriores, os resultados obtidos com os primeiros estudos efetuados sobre restos esqueléticos

de peixes, que se constituem na principal evidência alimentar deste assentamento pré-histórico, o qual é filiado à *Fase Itaipu B, Tradição Itaipu*, cuja faixa de datação está delimitada entre 4.000 e 1.000 anos antes do presente.

A metodologia escolhida baseia-se naquela proposta por Wing & Brown (1982), a partir de trabalhos de Clason (1972), Chaplin (1971), Casteel (1976, 1977), Grayson (1973), Prange *et al.*, (1979) e Ziegler (1973). Esta seqüência analítica vem sendo aplicada experimentalmente a níveis superficiais do sítio, para obtenção de dados primários e secundários tais como: volumetria dos restos ósseos de ictiofauna, presentes por unidade de escavação; medida da parcela volumétrica dos ossos com efetivos sinais de queima; seleção e identificação anatômica de todos os fragmentos cuja integridade o permita; contagem do número mínimo de indivíduos presentes; e, quando possível, identificação ao mais baixo nível taxonômico dos restos analisados, correlação entre os dados primários e estimativas, com base em cálculos de correlação e regressão, da biomassa consumida por esta população pré-histórica. Tais análises são, ainda, objeto de correlações ecológicas e culturais.

O trabalho, embora ainda esteja em sua fase inicial, já permitiu a definição dos melhores materiais para aplicação da metodologia citada, reorientando, inclusive, os trabalhos de campo; demonstrou que, ao contrário do que se supunha para tais sítios, os restos biológicos, embora muito intemperizados, apresentam ainda alto potencial de informações; evidenciou a seleção cultural de animais de porte médio para consumo e o aquecimento direto, em fogueiras, da maior parte dos restos alimentares; e provou a presença do gênero *Caranx* e das famílias Odontotaspidae, Lamnidae e Charcharinidae entre os tipos de peixes mais consumidos, sendo esta última família preferida para a remoção dos dentes e confecção de contas de adorno. Nas próximas etapas buscar-se-á a identificação mais detalhada, anatômica e taxonômica, e a aplicação de cálculos para determinação do valor de biomassa consumida. — (22 de novembro de 1983).

ESTÁGIOS ONTOGENÉTICOS DO *BRYCON DEVILLEI* CASTELNAU, 1855 (PISCES: CHARACIFORMES) (I. ESQUELETO CEFÁLICO) — VERÔNICA LIMA DA SILVA CORRÊA, credenciada por RUBENS SILVA SANTOS — Departamento de Biologia Animal e Vegetal, Instituto de Biologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ — As modificações estruturais e comportamentais constatadas durante o estudo do desenvolvimento da espécie *Brycon devillei* motivaram a realização de uma série de trabalhos que tem por objetivo a análise da ontogenia da referida espécie, e a aplicação dos resultados obtidos na elucidação de problemas evolutivos e filogenéticos dos Characiformes.

Este trabalho, o primeiro de uma série, trata do estudo do desenvolvimento do esqueleto cefálico de 113 exemplares (53 alevinos, 30 juvenis e 30 adultos) que foram capturados em 1979, em um dos lagos do *Parque Florestal do Vale do Rio Doce*, MG.